

## EDITORIAL

O presente volume da PRISMA — *Crítica, Formação e Liberdade: Caminhos da Filosofia no Tempo Presente* — expressa a riqueza, a pluralidade e o rigor dos debates que atravessam a filosofia desde as origens à contemporaneidade. Reunindo diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, os artigos aqui apresentados se distribuem em três grandes eixos: **1) epistemologia e crítica da modernidade; 2) filosofia política e subjetivação; 3) filosofia da educação e práxis formativa.** No primeiro eixo, destacam-se as investigações que revisitam fundamentos do pensamento filosófico, com ênfase na crítica ao historicismo, nas estruturas da racionalidade moderna e nos impasses conceituais do discurso, como ocorre na interlocução com Husserl, na análise da racionalidade neoliberal e nos dilemas pragmáticos da linguagem. O segundo eixo se volta à análise das formas de poder, resistência e subjetivação no mundo contemporâneo, por meio de abordagens que articulam filosofia política, ética e existencialismo. São discutidas questões como a isegoria e sua ausência na sociedade de consumo, os ciclos do poder na tradição clássica, o cuidado de si e a crítica como resistência no campo da medicina, bem como a experiência filosófica como encontro com o outro. Por fim, o terceiro eixo tematiza a educação como espaço de formação ética, crítica e emancipadora. Aqui, o estágio supervisionado, o currículo e a inclusão escolar na Amazônia são problematizados como territórios nos quais se travam disputas entre regulação normativa e liberdade formativa, entre dispositivos de poder e possibilidades de subjetivação autônoma.

Inaugura o presente volume, no eixo **epistemologia e crítica da modernidade**, o artigo *A Crítica de Husserl ao Historicismo e à Filosofia do Weltanschauung em "Filosofia Como Ciência Rigorosa"*, de Karine Boaventura Rente. A autora analisa a contundente crítica de Edmund Husserl ao afastamento da filosofia em relação ao ideal de cientificidade, identificando no historicismo e nas filosofias das visões de mundo uma origem comum: a redução do pensamento filosófico ao relativismo e à subjetividade histórica. Ao reconstruir os fundamentos dessa crítica, o artigo mostra como Husserl propõe uma filosofia distinta das ciências humanas justamente por seu caráter eidético e por sua vocação crítica. Trata-se, assim, de uma reflexão que, ao recuperar a tradição fenomenológica, contribui para o debate contemporâneo sobre os critérios e o papel da filosofia como saber rigoroso em tempos de crise.

No artigo *Análise da Racionalidade Neoliberal Alemã e Austro-Americana*, Rafael Gontijo de Aquino examina as raízes e os traços fundamentais do neoliberalismo como

racionalidade governamental que redesenha a relação entre Estado e mercado em resposta às crises do liberalismo clássico. O autor compara duas vertentes decisivas: o ordoliberalismo alemão, que atribui ao Estado o papel de garantir a ordem concorrencial, e o neoliberalismo austro-americano, que defende uma intervenção mínima e projeta o indivíduo como *homo economicus* e capital humano. Ao reconstruir essas concepções, o estudo revela como elas moldaram não apenas políticas econômicas, mas subjetividades marcadas pela lógica da concorrência.

Bráulio Marques Rodrigues, no artigo *Quando o Espírito Sangra: Dialética e Figuras da Liberdade*, explora o desenvolvimento do jovem Hegel até a *Fenomenologia do Espírito*, destacando o papel da dialética transcendental na construção da liberdade e na emancipação da consciência. A partir da crítica à certeza sensível, o texto mostra como Hegel supera o imediatismo por meio da mediação conceitual, culminando na famosa dialética do senhor e do escravo. Ancorado em pensadores como Axel Honneth, Jürgen Habermas e Susan Buck-Morss, o artigo investiga o potencial político do reconhecimento e sua relação com a historicidade do espírito. A tese central aponta a luta por reconhecimento como elemento fundamental para a formação da subjetividade e para a crítica social, integrando ética, política e ontologia na construção do espírito.

No artigo *O Problema de Cohen nos Atos de Fala e a Questão do Comprometimento com o Discurso*, Euclides Barbosa Ramos de Souza examina as ambiguidades e mal-entendidos comuns na conversação cotidiana que podem comprometer a compreensão e a cooperação racional. Com base na teoria dos atos de fala de J. L. Austin, que vê os enunciados como ações, o autor destaca o “Problema de Cohen”: a possibilidade de dizer algo sem assumir compromisso com seu conteúdo. Essa dinâmica permite tanto enunciados humorísticos quanto situações graves, como promessas falsas e declarações enganosas, com consequências morais e jurídicas. O artigo também propõe uma solução inspirada nos argumentos de Bertrand Russell, especialmente os expostos em *Da Denotação*, para esclarecer essa questão fundamental na filosofia da linguagem.

No eixo **filosofia política, ética e subjetivação**, Ricardo Manoel de Oliveira Morais, no artigo *Isegoria na Sociedade de Consumo: a Ausência de Igualdade Participativa na Sociedade Moderna*, examina a crise da liberdade de expressão quando esta é compreendida pela lógica do mercado. A isegoria simboliza a igualdade em que todos têm o direito de falar e serem ouvidos na esfera pública, assegurando decisões políticas por meio do debate coletivo. Por meio de revisão bibliográfica, o autor investiga o esgotamento da ação política dialética em uma sociedade que vincula liberdade ao

consumo. Fundamentado nas críticas à modernidade de Bauman, Arendt e Berlin, o texto aborda a influência do consumo sobre a liberdade moderna e a consequente redução da liberdade à lógica mercadológica.

No artigo *Políbio e a Anaciclose: uma Crítica Maquiaveliana*, Helder Canal de Oliveira analisa o ciclo político polibiano, ou anaciclose, amplamente debatido até o Renascimento. Maquiavel retoma essa ideia em seus *Discursos*, inicialmente aparentando concordância, mas apresenta uma crítica fundamentada. Ele usa a anaciclose como recurso metodológico para dialogar com a tradição, porém rejeita sua validade por duas razões: a busca pela verdade dos fatos e a negação da liberdade humana. Para Maquiavel, o ciclo político funciona como instrumento heurístico para pensar a política, mas, se tomado como verdade absoluta, comprometeria sua teoria ao desconsiderar a *vita activa* — a ação humana essencial para a dinâmica política.

No artigo *O Exame de Si e do Mundo: Crítica, Cuidado e Resistência na Medicina*, Lucas Vieira e Leide da Conceição Sanches refletem sobre o papel da crítica na Medicina contemporânea, a partir de uma releitura da *Apologia de Sócrates*, de Platão. Frente à crescente tecnificação e institucionalização dos saberes médicos, apresentam a crítica como gesto ético essencial ao cuidado, não mera oposição. Através da figura de Sócrates, discutem as relações entre dúvida, saber e cuidado, articulando autores como Ivan Illich e Michel Foucault em diálogo com a prática médica. Defendem a crítica como resistência ao automatismo técnico e condição para um cuidado que respeite a dignidade humana.

No artigo *O Filósofo e o seu Mestre Involuntário*, Daniel Benevides Soares apresenta um panorama da obra de Eric Weil, contrapondo seu pensamento à figura do “homem da obra”. Dividido em duas seções e considerações finais, o texto inicia com os principais conceitos weilianos, como atitudes e categorias. Em seguida, concentra-se na categoria central da violência pura na lógica da filosofia de Weil: a obra. Com base na experiência pessoal do Filósofo durante o nazismo, o artigo delinea a compreensão de Weil sobre o homem que fundamenta sua reflexão, oferecendo uma lição involuntária ao próprio autor da *Lógica da Filosofia*.

Abrindo o eixo **filosofia da educação e práxis formativa**, o artigo *O Estágio Supervisionado na Formação de Professores de Filosofia: entre a Regulação Normativa e o Compromisso com a Emancipação*, de Pedro Rodolfo Fernandes da Silva, José Belizario Neto e Silvia Cristina Conde Nogueira, analisa o papel do Estágio Curricular Supervisionado (ECS) na formação de professores de Filosofia. Destaca o desafio de conciliar as exigências da Resolução CNE/CP nº 04/2024 com uma formação crítica e

emancipadora. Com abordagem qualitativa e teórico-bibliográfica, examina o diálogo e os conflitos entre as diretrizes normativas e os princípios freireanos de práxis, dialogicidade e consciência crítica. Com base no Projeto Pedagógico do Curso de Filosofia da UFAM, o texto reforça o estágio como espaço vital para articular teoria e prática, construindo autonomia, identidade profissional e compromisso ético-político. Defende o estágio como prática pedagógica central, não mero requisito burocrático.

No artigo *Perspectivas Seminais sobre o Currículo enquanto Dispositivo de Poder e Subjetivação: uma Abordagem Foucaultiana*, Fabrício Filisbino, Sheila Rosane Vieira Rodrigues, Ricardo Luiz de Bittencourt e Giani Rabelo analisam as reformas curriculares recentes no Brasil, entendendo o currículo como instrumento de poder e formação da subjetividade. Fundamentados em Michel Foucault e Veiga-Neto, exploram a subjetivação na escola e na sociedade por meio de abordagem qualitativa. O estudo identifica o currículo como mecanismo disciplinar e investiga as tecnologias curriculares que moldam subjetividades. Os autores demonstram que o controle tem evoluído de uma disciplina direta para uma autocondução, na qual técnicas sutis criam a ilusão de escolha livre, enquanto instituições globais exercem influência discreta sobre o processo formativo.

Paulo André Castro Cruz, no artigo *Pensando a Educação Inclusiva na Amazônia: para além do Capital*, reflete sobre a Educação Especial inclusiva na Amazônia, fundamentando-se nos três primeiros tópicos de *A Educação para Além do Capital*, de Istiván Mészáros, com pesquisa bibliográfica e documental. O texto, dividido em duas partes, aborda a escola como espaço de ensino e transformação social, além da relação entre sociedade civil e educação institucionalizada. Analisa os imperativos legais nacionais e internacionais da Educação Especial Inclusiva, destacando a necessidade de ações eficazes, escolas de qualidade e garantia dos direitos humanos para a população amazônica.

Ao longo destas páginas, a filosofia se revela não como um discurso estanque, mas como uma prática viva, situada entre a tradição e a urgência do presente. Os textos aqui reunidos evidenciam o compromisso da filosofia com a crítica das racionalidades dominantes, a formação de sujeitos éticos e a reinvenção da liberdade em tempos de múltiplas capturas. É nesse movimento, que alia rigor analítico à abertura ao futuro, que este número convida o leitor a refletir — e a repensar — os sentidos possíveis da filosofia no tempo presente.

Os Editores